



**Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**

**ENTRE O INDIGENISMO E O TROTSKISMO:  
O PENSAMENTO POLÍTICO DE HUGO  
BLANCO  
(1954-1972)**

Orientador: Prof. Dr. André Kaysel Velasco e Cruz  
Aluna: Mariana El Khoury Oliveira | RA 191778

### **I. Introdução**

Este trabalho de pesquisa tem como tema o desenvolvimento do pensamento político de Hugo Blanco (1934-) no período de 1954 a 1972. Hugo Blanco foi um ator político de grande importância para o processo de conquista da reforma agrária no Peru, em especial por sua atuação no levante camponês do vale de La Convención, localizado no departamento de Cusco. Esse levante foi resultado de um processo histórico de desenvolvimento da luta camponesa, tendo seu ápice no início da década de 1960 – culminando tanto na prisão de Blanco em 1962, como em sua elaboração teórica, produzida enquanto estava preso.

A hipótese que gerou a pesquisa se refere a uma perspectiva teórico-prática nova que integra o pensamento político de Blanco: a articulação efetiva da teoria trotskista e do indigenismo enquanto potência política.

O indigenismo, aqui, é compreendido como um movimento de valorização dos costumes e tradições indígenas das populações andinas do Peru. Esse movimento se expressa sobretudo no âmbito cultural, e tem um significativo impacto político. Historicamente, suas principais manifestações foram literárias, mas se expandiram para outras formas de expressão nos âmbitos socioculturais e políticos (Arguedas, 1967). Enquanto potência política, o indigenismo ganha importância devido ao caráter do campesinato peruano, composto majoritariamente pela população indígena andina que revela uma dimensão racial na exploração do campesinato. Por sua vez, a questão agrária é relevante no Peru pois a economia nacional se baseava predominantemente na produção agrária, com baixo grau de industrialização (Blanco, 1972; Craig, 1968).

O recorte temporal da análise se justifica por conter o encontro de Blanco com o trotskismo na Argentina (1954-1958), seu envolvimento e ascensão no movimento camponês peruano (1958-1962) e, por fim, suas elaborações teóricas sobre a experiência política do levante de La Convención (1963-1970). A pesquisa se desenvolve em torno de três eixos principais: a descrição do desenvolvimento e das consequências do movimento de La Convención, o vínculo de Blanco com o indigenismo e com a população andina, e suas elaborações teóricas, levando em conta os diálogos e disputas políticas que estavam colocados neste processo.

A fonte primária desta pesquisa foi o livro escrito por Blanco enquanto esteve encarcerado (de 1962 a 1970), intitulado *Tierra o muerte: las luchas campesinas en Perú*, originalmente publicado em 1972. Nesse livro, como já mencionado, Blanco analisa o desenvolvimento do movimento camponês em La Convención, tratando de seus erros, acertos e

potencialidades para o fortalecimento da luta camponesa e revolucionária.

## II. Objetivos

Os objetivos apresentados no projeto de pesquisa se concentram na apresentação e compreensão do pensamento político de Hugo Blanco no período de 1954 a 1972. Os objetivos estiveram orientados em torno de três grandes perguntas, são elas:

1. Como e por que Hugo Blanco se aproxima do trotskismo e qual a importância dessa aproximação, dado o contexto político latino-americano e peruano?
2. Qual é o lugar do problema da terra e do indigenismo em seu pensamento político?
3. Como, então, se organiza o pensamento político de Hugo Blanco?

Estas perguntas iniciais foram horizontes importantes no decorrer da pesquisa. No entanto, como deve ser, surgiram diversas outras questões que ganharam espaço na análise. A mais importante delas se refere a articulação entre o trotskismo – como corrente político-ideológica de origem europeia – e o indigenismo – como uma expressão política, social e sobretudo cultural de valorização da população indígena peruana. Passamos a entender o desenvolvimento dessa articulação como um dos princípios orientadores do pensamento político de Hugo Blanco.

## III. Método

A pesquisa foi desenvolvida através da metodologia contextualista. Essa metodologia consiste na articulação mútua entre o contexto histórico, político-ideológico e as ideias de um autor. Assim, o contexto no qual o autor e sua obra estão inseridos não são somente um “pano de fundo” sobre o qual se coloca a pesquisa, mas sim um elemento da análise.

Considerar esse contexto amplo permite avanços em torno de uma interpretação historiográfica e política (Bianchi, 2014) do próprio pensamento político, bem como da teoria proposta pelo autor – pois elucida suas motivações e com quais outros autores, ideologias ou movimentos políticos estava em diálogo. Em um caso como o de Hugo Blanco, um ator político que posteriormente decide escrever com o intuito de sistematizar e comunicar as dificuldades e os sucessos de um movimento político, o método contextualista nos pareceu bastante propício, dilatando o âmbito da análise e provendo um elo entre a atuação e a escrita de Blanco.

Outro momento importante para o desenvolvimento da pesquisa foi a compreensão de que, apesar de não ser um trabalho voltado à trajetória de um ator político, seria necessário organizar a exposição do pensamento político de Blanco através de sua trajetória. Essa escolha se deve ao caráter da escrita de Blanco, profundamente motivada por sua atuação política.

Além disso, percebemos a relevância do pequeno conjunto de cartas trocadas entre Hugo Blanco e o escritor e antropólogo peruano José María Arguedas

(1911-1969) em novembro de 1969, que permitiram avanços na compreensão de suas motivações políticas associadas a uma forma de reconhecimento e de identidade construída em relação com as populações andinas. Essa dimensão se expressa principalmente em torno da polarização entre os *indios* e os *mistis*<sup>1</sup> e da polarização entre a fala *quechua* e a fala em castelhano que serão desenvolvidas adiante.

## IV. Descrição e resultados da pesquisa

A pesquisa tem como ponto de partida o conceito de nacionalização, uma vez que se considera a hipótese de que o pensamento político de Hugo Blanco teria como horizonte a nacionalização do trotskismo. Em primeiro lugar, foi preciso entender o conceito a partir de alguns autores que pensaram a nacionalização do marxismo na América Latina para, então, verificar se a aplicação seria plausível no caso de Blanco.

Para tanto, as contribuições de Michel Löwy (1999), Omar Acha e Débora D’Antonio (2010), Bernardo Ricupero (2000) e Luiz Tapia (2002) mostraram-se fundamentais. A concepção aqui apresentada de nacionalização parte destes autores para afirmar que a circulação de teorias e ideias para além do lugar onde foram produzidas (neste caso, o marxismo e o trotskismo elaborados originalmente no contexto europeu) requer a tradução dessas ideias para um novo contexto político, social e cultural. Essa perspectiva de tradução implica a recriação das teorias para sua possível aplicação a uma nova conjuntura, a um novo lugar.

A conclusão do processo analítico em torno da nacionalização permitiu o enquadramento do pensamento político de Blanco como uma forma de nacionalização (com limitações) do trotskismo. Ao reestruturar as matrizes gerais do trotskismo no contexto específico do campo peruano (como veremos adiante) para se adequar às necessidades locais, Blanco foi capaz de desenvolver os conflitos no campo, além de construir uma articulação com o indigenismo, o que abriu novas possibilidades para o desenvolvimento da luta revolucionária no Peru.

Como mencionado anteriormente, a trajetória de Blanco mostrou-se relevante para a construção teórica de seu pensamento político. Portanto, optamos pela

1 O termo *indio* é utilizado de forma recorrente por Blanco, assim, quando falamos a partir de suas palavras, utilizamos *indio* e quando falamos com as nossas próprias, utilizamos os termos “população indígena” ou “andina”. A utilização da palavra *indio* é uma escolha consciente por parte de Blanco, explicada por ele em suas próprias palavras em um apêndice de *Tierra o muerte* (1972), intitulado *Mi tayta José María Arguedas y el lado indio de la revolución peruana* (1969): “(...) a mi tayta no le gustaba decir ‘indio’ porque ése es el látigo com que nos azotan los mistis, porque entre nosotros decimos ‘runa’. (...) Le contesto que sí, que es precisamente el látigo, el látigo que hemos arrancado de manos del patrón para azotarle su propia cara” (Blanco, 1972: 145).

*Misti* é uma palavra *quechua* que significa “senhor”, podendo se referir aos grandes proprietários de terra e também às pessoas brancas no geral.

exposição a partir da trajetória, entrando nas questões teóricas e contextuais no desenvolvimento da análise.

O encontro entre Blanco e o trotskismo se deu na Argentina, para onde se mudou em 1954, com o intuito de estudar Agronomia. Nesse momento, o trotskismo argentino se encontrava organizado sob a liderança de Nahuel Moreno (1924-1987) no *Partido Obrero Revolucionario* (POR). No período de 1954 a 1958, Blanco se filia ao POR e ingressa no movimento operário argentino, deixando os estudos para se dedicar à militância. Em 1958, Blanco decide retornar ao Peru para fundar uma célula do POR em Lima, mantendo sua relação com Moreno.

Esse retorno ao Peru fez com que Blanco percebesse as diferenças entre as condições – em seus diferentes aspectos, econômicos, políticos, culturais e sociais – para o desenvolvimento de um movimento revolucionário no Peru, na Argentina e na Europa. Para a teoria clássica, a classe revolucionária seria o proletariado; porém, mesmo em Lima, a cidade com grau mais alto de industrialização do Peru, o setor operário era ainda muito pequeno, tanto em tamanho como em relevância para a economia nacional.

No entanto, em um primeiro momento, Blanco ainda busca organizar essa pequena fração dos trabalhadores industriais urbanos, primeiro em Lima e depois em Cusco. Blanco é enviado ao departamento de Cusco, sua terra natal, devido a uma decisão partidária da célula peruana do POR ainda em 1958, depois de uma onda repressiva causada pela organização de protestos contra a visita à Lima do então vice-presidente estadunidense, Richard Nixon.

Foi em Cusco onde Blanco teve seu primeiro contato mais efetivo com o movimento camponês por meio do líder camponês Andrés Gonzalez, que conheceu em uma de suas detenções – devido à sua participação em um piquete contra o aumento nos preços de combustível (Anônimo, p.33-34). Nesse momento estava em curso uma tentativa de organização mais efetiva do campo que teve como resposta repressiva a prisão de diversas lideranças camponesas, sendo este o contexto no qual Gonzales ofereceu a Blanco uma parcela de terra para que trabalhasse e para que pudesse auxiliar na organização do movimento camponês em La Convención.

As relações de trabalho e propriedade no campo peruano se organizavam através do que se chama de *gamonalismo*, um sistema hierárquico no qual o dono de terras, o *gamonal*, arrenda uma parcela ao camponês indígena para que desenvolva seu próprio cultivo em troca de seu trabalho na *hacienda*. Devido ao *boom* da produção cafeeira no fim dos anos 1950 e início de 1960 (Craig, 1968), para que os *arrendires* conseguissem trabalhar seu próprio cultivo e manter as terras da *hacienda*, passaram a subcontratar outros camponeses, sob as mesmas condições, aumentando a produtividade das terras arrendadas.

Esse arranjo gerou retaliações por parte dos *gamonales* que passaram a desapropriar os *arrendatários* que faziam subcontratações de suas

terras, em especial em épocas de colheita. Foi nesse contexto que os camponeses começaram a se organizar em sindicatos como forma de resistir aos despejos, e também quando Blanco passa integrar o movimento.

A organização nos sindicatos era mediada pelo *Partido Comunista Peruano* (PCP), que privilegiava as formas legais da disputa política, enquanto Blanco tinha em seu repertório de ações as formas reivindicativas mais tradicionais de mobilização e de ação direta relacionada ao movimento operário, o que gerou um conflito entre as estratégias reivindicativas do PCP e de Blanco. No entanto, Blanco também precisou reformular suas formas reivindicativas ao contexto do campo. Em *Tierra o muerte* (1972), Blanco descreve algumas formas de mobilização que foram utilizadas, além da sindicalização do máximo de camponeses, no maior número de províncias possíveis. O processo de sindicalização das províncias de Cusco ganhava corpo e, em 1961, todas as províncias estavam sindicalizadas e se reuniam na *Federación Provincial del Campesino de La Convención* (FPCC).

A forma de mobilização que de fato altera as relações no campo é a greve geral por tempo indeterminado. Diferente das greves operárias, nas quais tanto o patrão como o trabalhador sofriam prejuízos, a greve camponesa prejudicou exclusivamente o gamonal, pois o camponês continuava trabalhando em sua parcela de terra. Se as terras da hacienda não são trabalhadas, só quem perdia era o gamonal, especialmente em épocas de colheita (1972: 42 – destaque nosso).

Esse processo não se deu de forma pacífica. Os *gamonales* responderam através da repressão por meios judiciais, através dos despejos, e repressivos, através da polícia, que passa a deter e a assassinar os camponeses que estavam organizados na luta pela terra. Com a crescente radicalização da repressão, radicalizou-se também o movimento camponês que passou a tomar as terras das *haciendas*. Diferente das parcelas para cultivo próprio, as terras da *hacienda* eram coletivizadas por meio dos sindicatos. Nesse momento também teve início a organização da luta armada como forma de autodefesa dos camponeses contra a repressão do Estado.

Os anos de 1961 e 1962 marcaram essa escalada repressiva. Blanco busca se isolar, mas continua auxiliando no desenvolvimento da luta camponesa. Em 1962, Blanco é encontrado e detido. Sua prisão ocasionou uma relativa dispersão na organização do movimento camponês. É nesse momento que Blanco decidiu escrever, com o intuito de explicar como se deu o processo de ascensão do movimento camponês, seus erros e acertos e perspectivas de continuidade da luta no campo e da luta revolucionária.

Em sua elaboração teórica, Blanco aponta como principal falha do movimento de La Convención, entendido por ele como uma “mostra positiva” do Programa de Transição trotskista (Blanco, 1972: 02), a falta de um partido forte, organizado, nacionalizado e revolucionário. Esse diagnóstico vai de encontro com

as preocupações de Nahuel Moreno apresentadas em *Perú: dos estratégias* (2016), um conjunto de cartas enviadas a Blanco e Daniel “Che” Pereyra<sup>2</sup>, nas quais discute – sob o aporte da teoria trotskista – possíveis soluções ao impasse criado pela disputa interna quanto às técnicas de desenvolvimento da luta armada<sup>3</sup> e à falta de partido que impedia que o movimento camponês atingisse o âmbito nacional.

Blanco (1972) também percebe a relevância da diferenciação dos significados colocados nas formas de mobilização, bem como a valorização das formas organizacionais e *comuneras* tradicionalmente indígenas. Seria a partir do emprego de técnicas de organização já existentes, como os motins, as paralisações, os comitês de greve e os sindicatos, agora sobre a base coletiva e indígena, tornaria possível a tomada de consciência necessária ao surgimento do poder dual, do antagonismo irreconciliável entre exploradores e explorados (Blanco, 1972: 57).

Essa dimensão da análise se expressa principalmente através dos *ayllus*. Os *ayllus* são uma forma de organização da terra a partir de princípios comunitários, semelhantes à coletivização das terras das *haciendas* que foram tomadas pelos sindicatos. Para Blanco (1972: 14), os *ayllus* representaram uma célula do comunismo primitivo que superam o Incanato, a Colônia e a República:

Los pastos naturales son de propiedad colectiva. El trabajo es colectivo. La prestación de trabajo es recíproca, se paga trabajo con trabajo (...). Se conserva la organización comunal (Blanco, 1972: 14).

A comparação entre a organização dos *ayllus* e das terras coletivizadas pelos sindicatos permitem perceber que o que se transforma não é somente a dimensão organizativa e econômica das relações de trabalho e propriedade no campo, mas também a organização social e cultural que passam a privilegiar a comunidade, a coletividade e a reciprocidade.

Essa complexidade na organização e a extensão do apoio popular – em especial na decisão pela autodefesa – se devem à criação de instâncias de poder e de decisão pautadas pelo movimento de massas nos sindicatos e nas federações. Foram elas que permitiram a criação de novas noções de autoridade e de legalidade independentes e paralelas ao Estado (Quijano, 1979: 69). Nas mobilizações, paralisações, motins, greves, as decisões eram tomadas em instituições criadas pelo campesinato e vistas por eles

2 Daniel “Che” Pereyra foi um militante trotskista argentino, enviado ao Peru para auxiliar no desenvolvimento do movimento de La Convención.

3 A disputa interna quanto às técnicas de desenvolvimento da luta armada se refere à oposição entre as técnicas de guerrilha e os grupos de autodefesa. Daniel Pereyra propunha a formação de focos de guerrilha popularizados pelo sucesso da Revolução Cubana em 1959. Mas para Blanco e Moreno, os focos de guerrilha seriam formas artificiais da disputa política, pois não contavam com o apoio popular. O que se construiu em La Convención foram grupos de autodefesa armados que foram criados pela vontade popular em resposta à repressão do Estado.

como instâncias mais legítimas de decisão e de poder que o Estado – uma vez que o Estado se apresentava somente como uma força repressiva sobre a qual os camponeses não tinham nenhum poder, já que não tinham nem mesmo o direito ao voto<sup>4</sup>.

Sobre sua relação com o indigenismo, para além da valorização das formas organizacionais tradicionalmente indígenas, outra dimensão importante está contida nas cartas trocadas com José María Arguedas durante novembro de 1969. Nessas cartas, os interlocutores passam por um processo de reconhecimento de uma identidade compartilhada enquanto *indios*, apesar de serem de origem mestiça. Isso se deve a uma relação de proximidade com a causa indígena e com a fala *quechua* desde a infância, sendo ambos bilíngues e capazes de circular entre as duas esferas culturais, mas escolhendo a integração à cultura andina.

A interlocução de Arguedas e Blanco é marcada pela polarização entre o mundo *criollo*, o mundo dos *misti*, marcado pela violência e pela frieza, e o mundo andino, marcado pela afetividade, pelo pertencimento. A polarização é demonstrada especialmente na dimensão da linguagem através da comparação entre a dureza do castelhano e a forma mais acolhedora e terna de se falar em *quechua*, como evidenciado no trecho a seguir

Quando nos pedimos ayuda, nunca lo hacemos con palabras escuetas en nuestra lengua. ¿Acaso alguna vez escuchamos decir: ‘mañana has de ayudarme a sembrar, porque yo te ayudé ayer’? (...)! *Únicamente los gamonales suelen hablarnos de esa forma ¿Acaso entre nosotros, (...), nos hablamos de ese modo? Muy tiernamente nos decimos: ‘Señor mío, vengo a pedir-te que me valgas; no seas de otro modo; mañana hemos de sembrar en la quebrada de abajo; ayúdame pues caballero, paloma mía, corazón’.*” (carta de Blanco, El Frontón, a Arguedas, Lima, 14 nov. 1969, p. 02 – destaque nosso).

Esses aspectos não aparecem de forma tão clara em *Tierra o muerte* (1972) e nos proporcionam uma visão mais ampla quanto às motivações de Blanco em sua integração tanto ao modo de vida como à organização da luta camponesa. A valorização da cultura andina não se deu de forma distante e idealizada, mas através de sua atuação no campo e de sua integração ao modo de vida camponês fortemente vinculado às tradições andinas.

A união de elementos trotskistas, como a aplicação do programa de transição e da construção e expansão do poder dual no campo, com elementos indigenistas, como a valorização e legitimação da cultura e de organizações andinas com princípios comunitários, constituem uma nova abordagem, uma nova interpretação dos problemas políticos peruanos. O papel político e teórico de Hugo Blanco foi a

4 O voto só era permitido às pessoas alfabetizadas e a grande maioria dos camponeses eram analfabetos (Craig, 1968; Quijano, 1979).

articulação desses elementos de forma a organizar o movimento camponês, chegando à conquista da reforma agrária e alterando fundamentalmente as relações de trabalho e propriedade no campo cusquenho.

No entanto, o movimento de La Convención não conseguiu garantir as mesmas conquistas de Cusco para o campo peruano no geral – que seria instaurada à nível nacional somente com o governo de Juan Velasco, em 1969 –, e também não conseguiu angariar as camadas urbanas; portanto, o movimento de La Convención não pôde alterar as relações de trabalho e propriedade na sociedade peruana como um todo, sendo este o limite da nacionalização do trotskismo como desenvolvida por Hugo Blanco.

## V. Bibliografia

- ACHA, O. & D'ANTONIO, D. Cartografía y perspectivas del marxismo latinoamericano. **Revista Contra Corriente**, v. 7, n. 2, 2010, pp. 210-156.
- ALEXANDER, R. **International Trotskism (1929-1985): a documented analysis of the movement**. Durham: Duke University Press, 1991.
- ANÓNIMO. Documento encontrado no Arquivo Edgard Leurenth (AEL), no fundo da Fundación Pluma, caixa 2.6 – Perú.
- ARGUEDAS, J. M. **Los ríos profundos**. Caracas: Fundación Editorial el Perro y la Rana, 2006.
- \_\_\_\_\_. El indigenismo en el Perú. *Tlatoani*, v.18, s.f., 1967.
- BIANCHI, Álvaro. Para uma história política do pensamento político: anotações preliminares. **GPMPP Working Papers**, Campinas, n. 1, 2014.
- BLANCO, H. Hugo Blanco Correspondence. **International Socialist Review**, v. 26, n. 2, 1965. Disponível em <<https://www.marxists.org/history/etol/newspape/isr/vol126/no02/blanco.htm>> Acesso em: 29 nov. 2019.
- \_\_\_\_\_. [Carta] 14-25 nov. 1969, El Frontón [para] ARGUEDAS, J., Lima. 17f. Discussões sobre o indigenismo e o Peru.
- \_\_\_\_\_. **Tierra o muerte: las luchas campesinas en Peru**. Cidade do México: Editora Siglo Veintiuno, 1972.
- \_\_\_\_\_. Acá debemos elaborar nuestra propia política. [Entrevista concedida a] Vicente Romero. **Les Cahiers ALHIM**, n.36, 2018. Disponível em <<https://journals.openedition.org/alhim/6529>> Acesso em: 29 nov. 2019.
- CORDAL, S. El primer debate en el trotskismo latinoamericano sobre la lucha armada. **Cuadernos de Marte**, ano 7, n. 1, janeiro-junho, 2016.
- CRAIG, W. El movimiento campesino en La Convención, Perú: La dinámica de una organización campesina. **Instituto de Estudios Peruanos**, n.11, 1968.
- FLORES GALINDO, A. **Buscando un Inca: identidad y utopía en los Andes**. Lima: Editorial Horizonte, 4a. Ed., 1994.
- \_\_\_\_\_. Movimientos campesinos en el Perú: balance y esquema. **Cuaderno Rural**, n. 18; Taller de Investigación Rural, Programa de Ciencias Sociales, Pontificia Universidad Católica del Perú: Lima, s.f., [1977?]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/floresgalindo/1977/movcam.htm>>. Acesso em 24 jan. 2020.
- FERNANDES, R. **O desenvolvimento combinado na Argentina: Mílciaes Peña e a questão nacional**. 2019. 474f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- GÓES, C. Contextualismo linguístico e crítica historicista: como compreender as ideias do passado? **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 4, n. 1-2, 2013, p. 248-263.
- LÖWY, M. Pontos de referência para uma história do marxismo latino-americano. In: \_\_\_\_\_. **O marxismo na América Latina**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- MARIÁTEGUI, J. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: Expressão popular, 2008.
- MORENO, N. **La estructura económica argentina**. Buenos Aires: Centro de Estudios Humanos y Sociales (CEHus), 2018 [1948].
- \_\_\_\_\_. **Perú: dos estrategias**. Buenos Aires: Centro de Estudios Humanos y Sociales (CEHus), 2016 [1961-1963].
- QUIJANO, A. **Problema agrario y movimientos campesinos**. Lima, La Paz: Mosca Azul Editores, 1979.
- RÊNIQUE, J. **A revolução peruana**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- SILVA, R. O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. **Dados**, v. 52, n. 2, 2010, p. 299-335.
- SKINNER, Q. Significação e compreensão na história das ideias. In: \_\_\_\_\_. **Visões da política: sobre os métodos históricos**. Alges: Difel, 2005.
- TAPIA, L. **La producción del conocimiento local: historia y política en la obra de René Zavaleta**. La Paz: CIDES-UMSA, 2002. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Bolivia/cides-umsa/2012090615335/tapia.pdf>>.
- ZAMBROSI, F. **Terra ou morte: trajetória intelectual e revolucionária de Hugo Blanco (1958-1972)**. 2017. 154f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.